

Lazer, Cultura e Tecnologia: Discussões Envolvendo Aspectos da Globalização¹

Heloisa Turini Bruhns²

RESUMO: *Este artigo pretende desenvolver uma reflexão acerca da relação entre o lazer, a cultura e a tecnologia. Foi guiado por alguns eixos norteadores, os quais auxiliaram na exposição das idéias. Inicia introduzindo questões relacionadas à concepção de tempo presente nas sociedades industriais contemporâneas, as quais remetem-nos ao ritmo, bem como ao uso do tempo. Em seguida aborda a ocorrência do enclausuramento social, apontado por alguns autores, como consequência de um sentido individualista e controlador, advindo do desenvolvimento de certas tecnologias, para finalmente desenvolver alguns aspectos presentes na relação entre o real e o modelo ideal, a qual traz à tona o binômio natural/artificial.*

PALAVRAS-CHAVE: *Lazer, tecnologia, cultura, globalização.*

Este artigo pretende desenvolver uma reflexão acerca da relação entre o lazer, a cultura e a tecnologia, buscando uma discussão que, porventura, possa despertar nos leitores possibilidades de ampliação em torno da mesma, num assunto bastante atual, que tem despertado enfoques os mais diversos, envolvendo várias áreas do conhecimento.

Para tratar do assunto, me guiarei por alguns eixos norteadores, os quais auxiliarão na exposição das idéias. Iniciarei introduzindo questões relacionadas à concepção de tempo presente nas sociedades industriais contemporâneas, as quais remetem-nos ao ritmo, bem como ao uso do tempo. Em seguida me

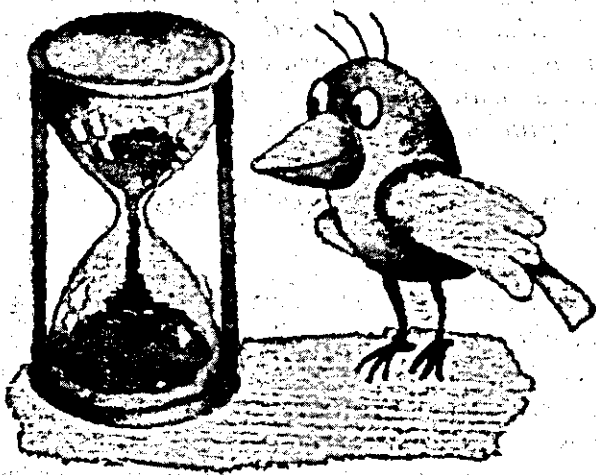
¹ Algumas colocações ora apresentadas foram baseadas na fala desenvolvida durante a participação na mesa-redonda "Lazer, cultura e tecnologia", no VI Simpósio Paulista de Educação Física-Unesp/ Rio Claro, 1997.

² Professora Doutora do Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

deterei na ocorrência do enclausuramento social, apontado por alguns autores, como conseqüência de um sentido individualista e controlador, advindo do desenvolvimento de certas tecnologias, para finalmente desenvolver alguns aspectos presentes na relação entre o real e o modelo ideal, a qual traz à tona o binômio natural/artificial.

Antes, porém, de entrar nesses eixos, me deterei nos conteúdos presentes num artigo de jornal e na passagem de um filme, os quais suponho poderão auxiliar o desenvolvimento do tema aqui proposto, deixando para o leitor efetuar as possíveis relações.

No filme intitulado "Além das nuvens", do diretor Michelangelo Antonioni, há uma passagem onde, num bar, uma moça que lia uma revista, momentaneamente levanta-se e senta-se na mesa ao lado, na qual se encontrava um homem. Justifica sua atitude pela necessidade surgida a partir de sua leitura, uma vez que gostaria de compartilhar o artigo lido com alguém. Relata, então,



a história lida, referente a um grupo de ecoturismo, que estava realizando uma subida na montanha, em alguma parte do mundo (no momento não me recordo exatamente o lugar), utilizando-se de um grupo de guias locais. O grupo de turistas foi se distanciando cada vez mais dos guias, devido a um ritmo mais acelerado, e num determinado momento passaram a não mais avistá-los. Um membro do grupo de turistas, retornando para compreender o ocorrido, deparou com os guias sentados. Questionados porque haviam parado, emitiram a seguinte resposta: *"Vocês estavam indo depressa demais e no intuito de*

acompanhá-los, nossas almas foram ficando para trás. Agora estamos esperando elas nos alcançarem”.

Quanto ao artigo do jornal *Folha de São Paulo*, intitulado “Truques ajudam executivo a esticar dia”, me deterei em algumas passagens significativas para, posteriormente, prosseguirmos nossa conversa. A reportagem se inicia com a afirmativa sobre tempo ser dinheiro para dez entre dez empresários ou executivos no país e, numa época de economia globalizada e competitividade a todo vapor, alguns desses empresários estarem criando verdadeiros “manuais”, tentando render mais as 24 horas diárias: “*Nessa correria diária contra o relógio vale tudo, desde levar computador e celular para dentro do carro e fazer reunião em aeroporto, até alugar helicópteros*” (Truques..., 1997). Vários empresários são citados em depoimentos sobre a utilização desses aparatos, buscando maior produtividade de tempo.

Nesse sentido, prossegue a reportagem, cursos e palestras sobre a administração do tempo estão sendo desenvolvidos por consultores especializados. Um consultor esclarece sobre os empresários estarem cientes de que “um dia mais produtivo gera dinheiro”.

Sobre a concepção do tempo

Na situação dos executivos, torna-se evidente a noção dominante de tempo linear, presente na sociedade industrial contemporânea, o qual não se repete, estendendo-se ao longo de uma linha reta, medido por unidades sucessivas. Embora essa seja predominante, temos outras noções de tempo, como a cíclica, repetindo-se eternamente – sendo biológica, ultrapassa a mecânica, marcando o lugar do homem na terra.

Uma terceira classe de sentido do tempo pode ser denominada de impressionista, segundo DE GRAZIA (1966, p. 282-284), pois as atividades ou sucessos rotineiros não ocupam tempo; somente o instante ardente, o período emocionante, o sucesso importante, deixam impressão de tempo ou duração.

Outras concepções de tempo podem ser identificadas; temos expressões como antes e depois. Temos hoje um pluralismo de tempos: físico, fisiológico, biológico, histórico, artístico, social, psicológico, individual. Estes sistemas de tempo não aparecem em estado puro, senão mesclados, numa composição permitindo identificar um ou outro. Em nosso sistema e em nossa História, uma festa exemplifica o tempo impressionista; a passagem de ano é um exemplo de tempo cíclico. Contudo, no mundo industrial moderno, prevalece o tempo linear:

objetivo, universal, irreversível, não projetável, quantitativo ou dividido em unidades não elásticas e não comprimíveis.

A concepção de tempo linear atrelou-se ao controle e disciplina do tempo de trabalho e não-trabalho.

O tempo torna-se uma mercadoria, negociado de múltiplas formas e, como tal, o tempo de trabalho passou a ser vendido aos empregadores, como o tempo “livre” a ser comprado pelo trabalhador. Daí a idéia do tempo “ser dinheiro”³. Nessa ótica, tanto um como outro estão permeados pela lógica da produtividade, do rendimento e do lucro. Perdeu-se o caráter gratuito, tudo devendo ser justificado pela utilidade, como também aceito pelos padrões morais instituídos. O gratuito e o informal passam a receber o rótulo de vadiagem, de ociosidade.

DE GRAZIA (1966, p.272) destaca as cidades urbanas industriais, especificamente as grandes metrópoles, nas quais *“uma vez paga a dívida do trabalho, o homem se diz sem dever ou obrigação alguma; pode ocupar seu tempo como lhe pareça”*. Porém deve tomar decisões: o que escolher para cada hora ou meia hora, ou quarto de hora; jogar, trabalhar, fazer tarefas caseiras, trabalhar mais?.

Temos algumas regras para o emprego do tempo, diz o autor. Primeiro, devemos empregá-lo em situações provando, visivelmente, o estar ocupado. Segundo, devemos fazer coisas para “melhorar”, ou seja, elevar nossa posição ou nossas propriedades, por meio aspectos ou de qualidades para fazer dinheiro. Devemos conservar a casa em boas condições (conservar a propriedade) e tratarmos de aumentar o seu valor, melhorando-a. Não devemos nos colocar a ler tranquilamente (atividade suspeita, ironiza o autor, uma vez que os olhos são os únicos órgãos movidos), senão abandonar as leituras “grosseiras” em favor dos livros instrutivos, com informações úteis. Resume o autor: o homem deve 10) fazer algo e 20) fazer algo produtivo.

A concepção dominante de tempo, na sociedade industrial moderna, expressa pela linearidade, não se repetindo, concretiza-se como dinheiro. E, portanto, uma unidade tangível e valiosa, devendo ser economizada, investida, conquistada e contada.

A divisão desse tempo num horário regulador do trabalho e do lazer, a abreviação dos trabalhos árduos, bem como a simplificação das tarefas, trazida

3 Sobre o tempo enquanto produtividade, THOMPSON (1991) escreveu um texto esclarecendo como surgiram os “problemas” do tempo livre (justamente quando deveria ser justificado), no quadro da revolução industrial inglesa, a partir da concepção do tempo como dinheiro.

pelas máquinas, teve como consequência, explica DE GRAZIA (1966, p.270), a ilusão da venda do tempo e não do trabalho.

O aumento do tempo “livre”, nesse quadro, tem sua origem sempre responsabilizada pela máquina, pelos aparatos economizadores de tempo. DE GRAZIA (1966) vem demonstrar a existência da ilusão do aumento desse tempo. Em teoria, diz:

“têm poucas coisas que impedem ao indivíduo reduzir seu tempo de trabalho, e este segue trabalhando. Faz horas extraordinárias, trabalhos suplementares, porque necessita coisas. Essas coisas que necessita devem ser compradas. E assim segue o círculo de coisas que custam dinheiro, que custam trabalho, que custam tempo”⁴ (p. 73).

Seguindo outro foco de análise, LEFEBVRE (1991, p. 60) igualmente demonstra o não aumento do tempo “livre”, por meio de uma classificação do tempo em três categorias, ou seja, o tempo obrigatório (do trabalho profissional), o tempo livre (dos lazeres), o tempo imposto (das exigências do trabalho – transportes, trajetos, formalidades, etc.). Esclarece sobre o último ter ganho do terreno com maior aumento se comparado ao tempo dos lazeres. Para esse autor, o “não-trabalho contém o futuro e é o horizonte, mas a transição se anuncia longa, confusa e perigosa. Somente uma automatização integral da produção tornaria possível a sociedade dos lazeres”(p.61). Para ele, o lazer “*não é mais a Festa ou a recompensa do labor, também não é ainda a atividade livre que se exerce para si mesma. É o espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo*”. (p.62)

Observa-se que LEFEBVRE (1991) responsabiliza a máquina pelo aumento do tempo “livre”. Igualmente, não põe em causa o tipo de trabalho realizado nas sociedades urbanas industriais. Não trata da dimensão lúdica do trabalho, que perdeu terreno ao longo da industrialização e, se compusesse com o tempo um todo, talvez amenizasse a oposição entre lazer e trabalho. A questão, portanto, não se limita no tempo de trabalho, devendo voltar-se para a forma e conteúdo desse trabalho.

⁴ DE GRAZIA (op. cit., p 73) realizou uma pesquisa de sondagem nos EUA, por volta de 1961, na qual constatou o não aumento do tempo livre e escreve: “Desde 1850 o tempo livre não tem aumentado sensivelmente. É maior quando comparado com os dias do manchesterismo e da feroz exploração em Nova York. Se nos colocarmos ao lado da Grécia rural moderna ou da Grécia antiga, ou da Europa medieval e Roma antiga, o tempo livre de hoje sofre muito e o lazer muito mais”.

Jeremy Rifkin, autor do best-seller *O fim do trabalho*, citado numa reportagem do jornal *Folha de São Paulo* (GLOBALIZAÇÃO..., 1997), sustenta que a economia global vem passando por uma transformação comparável à Revolução Industrial, encontrando-se nos primeiros estágios da mudança de um “trabalho em massa” para um altamente especializado “trabalho de elite”, acompanhado da crescente automação na produção de bens e de serviços. Essa automação, como temos acompanhado pelas notícias, não tem colaborado para o aumento do tempo “livre”, mas do desemprego.

Nesse ponto, chamarei novamente DE GRAZIA (1966, p.273), que vem contestar a denominada liberdade, termo normalmente utilizado para adjetivar o tempo de não-trabalho. Fato este perceptível, pois as atividades recreativas não devem interferir no trabalho, ilustrado na situação quando um trabalhador dorme mal por ter bebido demais, ou devido a alguma festa estendida até a madrugada, acontecimentos não justificáveis para a ausência no trabalho. O autor é enfático ao afirmar: “*As atividades recreativas estão ligadas por todos os lados ao tempo de trabalho*”.

Prossegue revelando que o “tempo livre” está igualmente cronometrado e, neste aspecto, informa como a máquina, doadora de tempo livre, traz

“uma idéia de tempo neutralizada que o faz parecer livre, e logo o encadeia a outra máquina, o relógio. Somente dizendo ‘tempo livre cronometrado’ desfaz-se a ilusão. O tempo cronometrado não pode ser livre(...) O tempo cronometrado requer umas atividades e umas decisões que sempre devem referir-se e sincronizar-se com a máquina e suas ramificações na cultura industrial(...) qualquer tempo livre que tenhamos, é por definição, não livre(...) O tempo que vem uma vez acabado o trabalho é ‘livre’, porém inclusive esse tempo, se o trabalho está cronometrado, está ligado a ele.” (p.288)

BAUDRILLARD (1975, p.187-189) afirma a posição sobre esse tempo não ser livre, “*uma vez que se encontra regulado na sua cronometria pela abstração total do sistema de produção*”, e as leis do sistema de produção nunca entram em férias. Quando se “tem” tempo, é porque já não é livre. O lazer apresenta um aspecto de alienação que se encontra mais que diretamente relacionado à subordinação ao tempo de trabalho: “*encontra-se ligado à própria impossibilidade de perder o seu tempo*”.

De uma situação onde “passava-se o tempo”⁵, transitou-se para outra onde predominou o “gastar o tempo”. Atualmente observa-se uma situação na qual o tempo deve ser encurtado, ou melhor, comprimido.

Essa compressão tem um preço com o qual devemos nos deparar, relativo à cobrança da nossa capacidade de lidar com as realidades reveladas à nossa volta. Como expõe HARVEY (1993, p.275), “*sob pressão, fica cada vez mais difícil reagir de maneira exata aos eventos*”, completando sobre sequer haver tempo para ficarmos “em agonia”.

O “encurtamento” ou a compressão do tempo provocam uma intensificação do ritmo de vida. No caso do movimento humano como expressão da presença no mundo, verificamos a exigência de um corpo veloz. Seja para atravessar as grandes avenidas, para ganhar dinheiro ou para se divertir, diz SANT’ANNA (1994, p.99), “*é preciso desde logo ser veloz*”. A velocidade tornou-se o instrumento mais divulgado e reivindicado para a conquista da sobrevivência humana.

A promoção do corpo saudável e veloz, prossegue a autora, passou a ser “*o vetor de inúmeros prazeres, mas também se expressa como um dos efeitos das relações de poder que se exercem socialmente e que, de modo desigual, agem diretamente nos corpos dos indivíduos, requisitando-os cada vez mais rápidos, produtivos e fortes*” (ibid., p.101).

Nesse panorama, SEVCENKO (1994, p.34) vem argumentar sobre a existência de um “sutil jogo de polarizações”, pois “*uma vez postas as condições tecnológicas que exigiam uma automação das reações físicas e reflexos humanos, houve uma tendência adaptativa no sentido de buscar um novo condicionamento corporal partindo da própria população que se dispôs a uma intensificação e diversificação de seus dispêndios físicos, os quais em muitos casos só ulteriormente foram direcionados e formalizados em termos institucionais pelas autoridades ou pela nascente indústria das diversões e entretenimentos baratos*”. Exemplifica com a ampla divulgação, logo no início da indústria fonográfica, das músicas fortemente ritmadas como o jazz, o ragtime, a polka, o samba e outros, apontando a perceptível relação estabelecida entre as coreografias das danças populares e os estilos de práticas desportivas em diferentes culturas e sociedades.

⁵ THOMPSON (op. cit., p.49) esclarece sobre quando as relações sociais e de trabalho encontram-se interligadas, estendendo-se ou encurtando-se o dia de trabalho, de acordo com a tarefa a ser cumprida, não existir grandes conflitos entre trabalhar e “passar o tempo”.

SANT'ANNA (1994, p.99) completa e esclarece o assunto, revelando como na década de 70, no nosso país, equipamentos e transportes foram aperfeiçoados na direção de acelerar a velocidade, ilustrando através de tipos de bicicletas, patins, *skates*, asas voadoras, *surf*, acompanhados do frenesi nas discotecas, tornando-se alguns dos símbolos da juventude, os quais "*incluíam a necessidade de ser veloz tanto no uso do tempo quanto no consumo dos espaços*".

Nesse quadro, a saúde passou a ocupar o espaço da salvação, não se opondo somente à doença, mas ao ser improdutivo, fraco, feio e lento, classificado como incapacitado.

A velocidade implica, ainda com Sant'Anna, "*no antigo desejo do homem de superar o tempo, queimar etapas, acelerar o progresso tecnológico, mesmo que isso beire a uma vida atribulada e ofegante...*" (p.99).

A tecnologia impõe-nos um ritmo mais veloz, pelo qual nós mesmos cobramos. Ao mesmo tempo, é motivadora e desafiadora, apontando para horizontes infindos.

Talvez possamos entender melhor esse mundo que nos espreita, através dos adolescentes, para os quais nós o fabricamos e propusemos. Assim os *screenagers*, jovens da época da tela (TV e computador), treinados na leitura rápida da linguagem icônica e reduzida dos quadrinhos, possivelmente tenham elaborado, como mostra a reportagem "*Escritor norte-americano defende que a nova cultura dos teenagers ajuda os adultos a compreender o futuro*"⁶, uma capacidade de leitura das imagens mais rápida, se comparada à nossa. Capacidade esta, diz a reportagem, que não se satisfaz "*com a contemplação passiva de um programa de televisão, preferindo o ritmo da MTV ou então surfando na massa de informação proposta pela TV, de imagem a imagem*". Revelam um tipo próprio de concentração que corresponde, adequadamente à circulação de informação de nossos tempos. Uma habilidade valorizada não através da concentração por tempo prolongado, mas pela capacidade de efetuar tarefas múltiplas, ou seja, de realizar muitas coisas ao mesmo tempo e bem.

Questões provocadoras conduzem a indagações. Não seriam elas lamentos de um mundo já bastante diferente? Se os adolescentes nos parecem sem rumo, não seria o caso de pensarmos sobre suas condutas estarem inventando modos possíveis de vivência neste mundo sem rumo?

⁶ A reportagem é baseada no livro de Douglas Rushkoff, "Playing the future".

Num mundo transtornado pela internacionalização, parece natural emergir a nostalgia da comunidade integrada, que ancorava o indivíduo num espaço físico, afetivo e simbólico determinado, pois esse outro mundo revela o surgimento de uma comunidade virtual, com características diferenciadas, como discutirei adiante.

A aceleração do avanço tecnológico, da comunicação e da interdependência viabilizam um acesso maior às informações, características do processo de globalização, referente à circulação cada vez mais intensa e veloz de mercadorias, informações e moeda pelo mundo, sem nos esquecermos do processo de globalização da miséria que também o assola (140 milhões de crianças no mundo estão fora da escola), bem lembrada pelo coordenador da Unicef no Sul e Sudeste do Brasil, durante o debate "*O impacto da Globalização na Educação das Crianças*", noticiada pelo jornal *Folha de São Paulo*, através da reportagem "*Globalização muda o ensino das crianças*".

Nesse processo pode ser anunciado o lado menos conhecido da globalização, ou seja, o fosso que separa os mais incluídos e os menos incluídos, aumentando anualmente. Em 34 anos, como revela a reportagem "*Globalização aprofunda o abismo entre ricos e pobres*", do jornal *Folha de São Paulo*, a parcela dos menos incluídos na economia global decresceu de 2,3% para 1,1%. A ONU aponta várias causas para o fenômeno, desde barreiras alfandegárias mais punitivas às exportações dos países subdesenvolvidos, até as leis de proteção de patentes, dificultando o acesso das nações pobres a novas tecnologias.

Se num período histórico antecedente tivemos a explosão da mídia, com um número relativamente pequeno de pessoas podendo comunicar-se com um número relativamente grande, porém sem manter o contato pessoal, hoje temos a aceleração desse processo, com uma capacidade não tão acelerada de assimilação das informações pelas pessoas, causando uma competitividade esmagadora e estressante.

Não podemos nos esquecer do isolamento presente nesse processo, num sobreposicionamento do individual sobre o coletivo, bem como da diminuição do contato entre as pessoas, provocado pela comunicação através de máquinas.

Devemos refletir sobre o espaço midiático fornecer (ou estar fornecendo) um tipo de paleativo a uma sociedade que perdeu a capacidade de comunicação consigo mesma. A globalização, portanto, não constitui unicamente um projeto econômico multinacional, pois, presenciamos nesse processo, o surgimento de uma comunidade nova, supranacional.

Tomando como ilustração a Internet, esta representaria o lugar virtual onde aos poucos vêm reconstituindo uma comunidade perdida sendo,

sobretudo, um instrumento de socialização capaz de inventar e manter, atualmente, para alguns, uma forma constante de diálogo. Obviamente, ela não substitui a sociedade comunitária desmantelada pela industrialização e suburbanização, podendo nos oferecer ao menos a oportunidade de entrever o que perdemos. Como revela Douglas Rushkoff, na sua entrevista para o jornal *Folha de São Paulo*, já citada, “*É só um pouco de eletrônica. Mas é melhor que nada. Poderia ensinar de novo às pessoas como falarem uns com os outros- sobretudo aos brancos ocidentais, que gostam de um lugar limpo, seco e sem riscos para interagir*”.

As características dessa emergente comunidade virtual são desenvolvidas por Pierre Lévy, num artigo especialmente escrito para o jornal *Folha de São Paulo*. Constitue-se numa comunidade relativamente permanente, organizanda por intermédio do novo correio eletrônico mundial. Constrói-se sobre afinidades de interesses ou de conhecimentos, sobre a comunhão de projetos, envolvendo cooperação e troca, independentemente das proximidades geográficas ou vínculos institucionais. Segundo o sociólogo e historiador da Ciência, “*longe de serem frias, as relações on line não excluem as fortes emoções*”, ilustrando: “*Os amantes da cozinha mexicana, os loucos por gatos angorás, os fanáticos por certa linguagem de programação ou os intérpretes apaixonados de Heidegger, antes dispersos pelo planeta, muitas vezes isolados ou pelo menos sem contatos regulares entre si, dispõem agora de um lugar familiar de encontro e de troca*”.

O interesse pelas comunidades virtuais depara-se com um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. No estágio atual da mundialização cultural, observamos um processo em curso, sugerido, mas não concluído, no qual formas culturais nacionais ou locais, comunicam-se, desterritorializam-se, geram mediações e criam “terceiras culturas”.

As “terceiras culturas”, na definição de FEATHERSTONE (1997), compreendem conjuntos de práticas, conhecimentos, convenções e estilos de vida, as quais se tornam cada vez mais independentes dos Estados-Nação.

Na reportagem do jornal *Folha de São Paulo*, “*Intercâmbio aproxima países e anuncia ‘cultura global’*”, temos uma ilustração da situação apontada acima, através da alimentação. O disque-pizza, o *delivery* chinês ou o *Big Mac* já não podem ser vistos

“a partir de seus antigos vínculos orgânicos com as culturas de origem ou Estados-nação. Passam a fazer parte de uma cultura culinária ‘fast-food’, à qual pode-se recorrer com

naturalidade, na China no Uruguai ou nos EUA. Uma culinária desterritorializada, que transita por um novo (e sobreposto) 'território' – que pode ser designado de global" (INTERCÂMBIO...,1997).

O entendimento da cultura global envolve manifestações étnicas, regionalistas ou oriundas de sociedades menos incluídas, indo do cinema iraniano à literatura africana.

Para alguns, a globalização da cultura implica uma estratégia de domesticação em escala planetária, resultando na configuração de um mundo integrado e organizado nos moldes de um gigantesco Estado-nação, como consequência da extensão de uma determinada cultura predominante aos limites do globo, subjugando a heterogeneidade e impondo-se como totalidade uniformizada. Outros percebem o mundo, finito e cognoscível como um lugar, não levantando dúvidas sobre, paralelamente à existência das culturas nacionais, gerar-se uma cultura "global", na qual indivíduos dos quatro cantos do planeta desenvolvem um reconhecimento. Cultura "global" derivando da intensificação dos contatos entre povos e civilizações, por sua vez vinculada à expansão econômica e técnica.

O Seminário "*Solidariedade Internacional e Globalização: Em busca de Novas Estratégias*"⁷, desenvolvido recentemente na Suécia, discutiu como o conceito chave surgido da globalização é quase paradoxal, envolvendo união com fragmentação. Conclue sobre, na área de solidariedade, isso significar que, apesar da interdependência econômica crescente entre os países, as ajudas entre os mesmos estarem ocorrendo a níveis mais locais. Assim sendo, os movimentos de mulheres, as organizações defendendo o meio ambiente, a luta pelos direitos humanos, as alianças internacionais e outros não são mais liderados pelos governos, mas por parcelas das sociedades.

A questão do enclausuramento

No uso de determinada tecnologia está implícito um controle, isto é, eu coloco à minha volta o que quero, escolho determinadas informações com interesses particulares, relacionando-me de acordo com o meu desejo de vivência.

Mais do que proteção (portão eletrônico, circuito fechado de TV), algumas casas (de um público privilegiado) possuem um aparato tecnológico, como TV, fax, internet e outros, causando um "fechamento aos reais próximos",

⁷ Abordado na reportagem do jornal *Folha de São Paulo*, (SUÉCIA..., 1997).

bem como uma relação com os “próximos distanciados” (BRANDÃO, 1994). Cria-se um superindividualismo na experiência do mundo.

Uma reportagem recente publicada no jornal *Folha de São Paulo* ilustra esse fato, noticiando sobre uma mulher de Ohio/EUA, condenada a dois anos de prisão, com direito a liberdade condicional, por ser “viciada em *Internet*” e, em consequência disso, ter abandonado os filhos. Revela, ainda, que a maioria absoluta dos usuários americanos da rede (89%), a utiliza devido ao correio eletrônico (JUSTIÇA..., 1997).

No interior do artigo pode-se ler o relato de uma pesquisa efetuada na Universidade de Pittsburg, referente a um caso de desenlace matrimonial, devido ao uso excessivo da *Internet*.

Porém, Pierre Lévy, no artigo já citado aqui, afirma que a imagem do “indivíduo isolado diante de uma tela” ser mais um fantasma do que resultado de pesquisa sociológica, as comunidades virtuais acompanhando a evolução geral dos contatos e das interações de todo tipo.

Dois problemas imediatos manifestam-se nessa situação, ou seja, desloca-se para a excelência da perfeição de um equipamento, o efeito e o sentido do próprio trabalho e da própria ética da convivência. Por outro lado, ocorre um deslocamento do real, isto é, da experiência concreta para a imagem. O real passa a ser acreditado somente se transformado numa imagem.

Presencia-se uma espécie de realização da experiência através da mediação pela tecnologia. Assim, diz BRANDÃO (1994, p.28),

“eu não me relaciono mais com as coisas do mundo, com as cachoeiras, com belezas reais do real, com os pores-de-sol, com aqueles espaços concedidos, sobretudo pela natureza, assim como também não me relaciono mais com as pessoas. Mas, através da invenção tecnológica, posso tê-las, às pessoas e à natureza, repetidamente, quantas vezes quiser, e nunca de uma forma pessoal e experimental, mas sim, dentro de uma relação de posse”.

Numa outra perspectiva a tecnologia parece apontar, para alguns, espaços menos polarizados, envolvendo maior flexibilidade na tradicional relação trabalho na rua/lazer em casa, com maior número de atividades ocorrendo simultaneamente, tendo como consequência tarefas profissionais realizadas no âmbito doméstico, em horas fragmentadas. Faz parte desse quadro “a idéia

de que na atualidade, o espaço doméstico tende a abrigar cada vez mais, atividades economicamente produtivas” (ARANTES, 1993, p.16).

O crédito no real, por meio da sua transformação em imagem, remete-nos à relação entre o real, entendido como o mundo natural e o ideal (o modelo) como o artificial.

A relação entre o real e o modelo ideal

Na complexidade tecnológica, o real tende a tornar-se dejetado do modelo ideal. A inteligência natural (dos seres vivos) torna-se dejetado da inteligência artificial, vestígio inútil, frente à sofisticação e alcance.

No limite, como expõe BAUDRILLARD (1994),

“constrói-se uma auto-estrada, um supermercado ou uma supercidade; produzem-se redes ultra-rápidas, autonomizadas, circulações programadas, produz-se imediatamente toda comunicação humana, e todo intercâmbio humano como dejetado” (p.33).

O modelo ideal é artificial porque elimina os riscos, os perigos, a poluição, distancia-se da vida, do inesperado, das durezas, das emoções, dos conflitos e contradições.

BAUDRILLARD (1994), em relação ao lazer, exemplifica com um parque temático, a *Disneyworld*. Lá, diz,

“assistimos à programação deliberada de uma matriz de lazer e alucinações turísticas, mas que toma as dimensões de uma cidade inteira e, no limite, de um universo inteiro. É o limite da hegemonia de um modelo: tentativa literalmente exorbitante onde não é nem mais uma cidade, mas um universo total de síntese que surgiu, uma maquete de nossa história...”(p.29).

Podemos tomar outro exemplo através do artigo publicado na revista *Isto É* (1996), “A terceira onda”, o qual refere-se à região amazônica como sendo a “conquista branca”, onde “*após o ciclo da borracha e a implantação da Zona Franca, o Amazonas lidera os Estados do Norte no desenvolvimento sem agressão ao meio ambiente*”. Prosseguindo, lê-se que “*de olho nessa mina, o governo do Estado pretende obter financiamento internacional para construir em parceria com empresas privadas um*

grande complexo turístico, com hotéis de selva e parques temáticos no estilo do Epcot Center, da Disney"(A TERCEIRA..., 1996).

URRY (1996), referindo-se a Baudrillard, expõe seu argumento sobre os americanos contemporâneos não vivenciarem a "realidade" diretamente, por recorrerem a "pseudo-acontecimentos", desconsiderando o mundo "real". Vamos exemplificar esses "pseudo-acontecimentos" com o mais "novo" conceito de atendimento às férias, agora na Europa, o Center Park na Floresta de Sherwood, relatado por URRY . Trata-se de uma aldeia,

"onde foram investidos 34 milhões de libras, na qual uma 'orla marítima' artificial foi construída, com um domo gigantesco de plástico, de camada dupla e que mantém uma temperatura constante de 28° C"(p.59).

As grandes atrações neste complexo turístico estão relacionadas ao divertimento e ao prazer proporcionados pelo calor tropical, tais como natação, canoagem, barcos à vela, pequenas lagoas com água quente, palmeiras e cafés à beira da água. O autor mostra como tais centros não precisam ser localizados próximos ao mar, "*já que a tecnologia permite que a orla marítima seja construída em qualquer lugar*".

Essas questões nos conduzem à relação homem/natureza⁸. O homem contemporâneo, embora esteja inserido na natureza, em outro sentido foi arrancado dela. Hoje, a natureza não só não apresenta mais uma ameaça, como mal existe. O interesse no clima, por exemplo, parece afetar, ainda, as atividades relacionadas ao lazer (viagens, esportes ao ar livre), sendo as intempéries indiferentes para as atividades das sociedades industriais modernas, no que diz respeito a seus aspectos sócio- econômicos, ou relacionados a estilos de vida.

Não importa se a cidade industrial moderna estiver localizada numa floresta pluvial tropical ou em outro local do planeta. A época em que as oscilações do tempo e do clima representavam a diferença entre a fome e a abundância praticamente extinguiu-se, deixando a natureza de ser uma parte significativa de nosso meio ambiente.

⁸ Tratei desse assunto no capítulo "O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico" num livro coordenado por mim e pela Célia T. Serrano, "Viagens à natureza: Turismo, cultura e ambiente".

A possibilidade de se vivenciar a experiência do contato com a natureza torna-se cada vez mais distante, afastando as sensibilidades das pequenas emoções do cotidiano, como uma simples chuva, que não mais constitui numa aventura, sendo mal percebida ou tornando-se somente um ruído nos compartimentos fechados de trabalho.

Experiência de vida relacionada ao contato com a natureza não se torna questão de classe sócio-econômica⁹, uma vez considerando que o seu empobrecimento parece estar presente na vida da população em geral. Embora muitos não tenham contato com a luz do dia, iniciando o trajeto para o trabalho antes do sol raiar e retornando após o crepúsculo, por uma questão de sobrevivência, outros cuja oportunidade para uma convivência com a natureza poderia ocorrer, devido à não necessidade de trabalhar de forma tão desumana, preferem acumular mais riquezas, ao invés de “perder tempo” (uma vez que tempo é dinheiro) numa comunicação com a natureza.

Desacelerando ou “esperando a alma”

Sobre coisas boas e coisas ruins, presentes na relação entre lazer, cultura e tecnologia, devemos estar atentos para a inseparabilidade entre o bem e o mal presente na sociedade. Aqui fico com BAUDRILLARD (1994, p.37) retomando algumas de suas palavras provocadoras: “Não é expurgando o mal que liberamos o bem. Ao contrário, liberando o bem, liberamos também o mal. E isso é bom. É a regra do jogo simbólico. A inseparabilidade do bem e do mal é nosso verdadeiro equilíbrio, nossa verdadeira balança. Não seria preciso manter a ilusão de poder separá-los: cultivar o bem e a felicidade em estado puro, e expulsar o mal e a infelicidade como detritos. É o sonho terrorista da transparência do bem, que se alcança, rapidamente, em seu contrário, a transparência do mal”.

Retomando THOMPSON (1991) e DE GRAZIA (1966) encontramos, em ambos, propostas alternativas, sedimentadas na noção de ociosidade, contrárias à concepção de tempo como mercadoria.

Thompson sugere a alteração no *consumo* do tempo para *capacidade de inovação dos homens*, que deveria se voltar para as relações direcionadas à quebra das barreiras entre o trabalho e a vida. Isso implicaria numa noção de tempo útil menos compulsiva, num modo particular de preencher “*os interstícios dos seus dias com relações mais pessoais e sociais mais ricas, mais repousantes*”. Para isso, diz ele, deveremos encontrar uma nova síntese, “*não*

⁹ Porém na experiência de vida mediatizada pela tecnologia, está envolvida a questão da exclusão.

baseada nas estações do ano ou nas exigências do mercado, mas fundamentada nos interesses humanos” (p. 82-83).

DE GRAZIA (1966) sugere a reconstrução de nossos conceitos básicos de tempo. Caso isso não ocorra, permanece inútil a busca nos aparatos economizadores de tempo. O autor nos alerta sobre o fato de estarmos permeados por uma lógica onde, raramente, nos permitimos momentos de interiorização atenta e conclui:

“Talvez seja possível julgar a saúde de um país pela capacidade de seu povo não fazer nada - tombar-se a murmurar, deambular sem fim algum, sentar-se ou tomar um café - porque quem quer que possa não fazer nada, deixando seu pensamento voar, tem que estar em paz consigo mesmo” (p.301).

Fico por aqui, na busca e na conquista por espaços onde possamos realizar “pausas” no movimento cotidiano, sempre pautado por um ritmo compulsivo e um tempo cronometrado. Talvez este texto represente uma dessas pausas, à medida que propôs realizar um momento de “interiorização atenta” acerca das questões bastante prementes envolvendo as novas “conquistas sociais”, muito infelizmente, do meu ponto de vista, identificadas por alguns (senão por uma parte significativa) através das inovações tecnológicas – as quais nem sempre apresentam-se socialmente conquistadas, nem devidamente refletidas.

Referências Bibliográficas

- ARANTES, Antonio A. “Consumo e entretenimento: hipóteses para uma antropologia do tempo livre”.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- BAUDRILLARD, Jean. “Conjuntos artificiais: A biosfera 2 ou: Da conjuração do mal à gestão dos dejetos. In: *Homem, cidade, natureza*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- BRANDÃO, Carlos R. “Espaços públicos de lazer e cidadania”. *Revista A paixão de aprender*, Porto Alegre, n. 6, 1994.
- BRUHNS, Heloisa T. & SERRANO, Célia T. (orgs.) *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papyrus, 1997.

- DE GRAZIA, Sebastian de. *Tiempo, Trabajo y ocio*. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.
- ESCRITOR norte-americano defende que a nova cultura dos teenagers ajuda os adultos a compreender o futuro. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 out. 1996.
- FEATHERSTONE, Mike. *O desmãche da cultura- Globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1997.
- GLOBALIZAÇÃO muda o ensino das crianças. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 ago. 1997.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- INTERCÂMBIO aproxima países e anuncia "cultura global"; Globalização aprofunda o abismo entre ricos e pobres. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 nov. 1997. Caderno Globalização.
- JUSTIÇA nos EUA condena mãe 'viciada' em Internet. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 set. 1997.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- A 'NETIQUETA' do ciberespaço. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 nov. 1997.
- SANT'ANNA, Denise B. de. *História e lazer: o prazer justificado*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrô e desastros. *Revista USP*, São Paulo, n. 22 Dossiê Futebol, 1994.
- SUÉCIA discute auxílio a países pobres. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 nov. 1997.
- A TERCEIRA onda. *Isto é*, São Paulo, mar. 1996.
- THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: TOMAZ, Tadeu da S. *Educação e prática social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- TRUQUES ajudam executivo a esticar dia. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1997.
- URRY, John. *O olhar do turista- lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: SESC/ Nobel, 1996.

ABSTRACT: *This paper intends to reflect about relations involving leisure, culture and technology. Some guide lines conducted the discussion. It was initiate with time conceptions questions presents in a contemporary industry societies, wich including rytm aspects, as well as time utilization. Following, social enclousuring was broached, including individualism aspects. Finally, relations between real and ideal social models were developed.*

KEY WORDS: *Leisure, tecnology, culture, globalization.*